

... e as utopias morrem mais um pouco: Henri Pousseur

Por Flo Menezes

Perder um de seus ícones mais inventivos já seria um golpe duro para a Música Nova em qualquer época. Mas em tempos atuais, em que se decreta a morte das utopias – especialmente as que se alinhavam às tendências mais à esquerda, que, se vencedoras, teriam evitado, além da fome e da espoliação dos homens, que passássemos sundown fator 100 antes de sairmos de casa pela manhã –, o desaparecimento de uma figura como a de Henri Pousseur (1929-2009) é ainda pior.

Grande humanista, esperançoso no Homem e defensor de um futuro, um presente e um passado pluralistas, em que músicas díspares, de épocas e “tribos” distantes pudessem conviver pacificamente, mas sem jamais abrir mão da especulação mais radical da linguagem musical, Pousseur, um dos protagonistas da música eletrônica e serial, foi um dos expoentes máximos da geração pós-weberniana, da qual, aliás, resta vivo – que oxalá assim continue! – apenas Boulez. Todos os grandes que marcaram época a partir dos anos 1950, de envergadura internacional, já se foram: Maderna, Schaeffer, Nono, Cage, Messiaen, Xenakis, Berio, Ligeti, Stockhausen, Kagel... Em 6 de março passado, foi a vez de Pousseur.

Talvez sua condição de belga tenha lhe conferido um lugar menos destacado no cenário musical. Países mais fortes e aparentemente menos divididos, ao menos quanto a suas identidades nacionais, tais como Itália, Alemanha ou França, propiciaram, legitimamente, maior projeção de seus grandes nomes na mídia e dentro do próprio meio musical. A tal fato alia-se uma polêmica que Pousseur travara nos idos dos anos 1960 com Boulez, em torno e a favor do resgate de elementos antes banidos pelo serialismo integral (em especial o uso de algumas consonâncias e da oitava), que lhe custou certo isolamento, para não falarmos mesmo de um boicote sistemático. Tudo isto a partir de sua defesa incondicional da *harmonia* em Stravinsky, em especial a partir de sua análise magistral de *Agon*. “Uma vez que você adora *Agon*, não temos absolutamente mais nada a dizer um para o outro!” Tal foi a gélida resposta de Boulez aos sólidos argumentos de Pousseur.

... como o tempo passa! ... A própria música de Boulez acabaria por enveredar-se pelo resgate da percepção clara de entidades harmônicas, ainda que sempre complexas – estratégia que aproximara a genial obra bouleziana da insuperável grandeza de um Berio –, mas Pousseur continuou, assim mesmo, “fora de moda”. Apenas quem conhece uma obra-prima como sua ópera *Votre Faust* (1961-68), que marca o início de sua duradoura e permanente colaboração com o escritor francês Michel Butor, ou como *Stravinsky au futur* (1971), composição coletiva em homenagem póstuma ao mestre russo que não é propriamente de autoria única de Pousseur, mas que encontrou em sua despontada e inequívoca liderança a mola propulsora para suas redes complexas, de incomensurável beleza, poderá avaliar o que estou dizendo!

Aliando o universo delgado e elegante de Webern com as perspectivas cubistas e multicoloridas de Stravinsky, a obra de Pousseur é, além de originalíssima, de um lirismo extraordinário. As maiores, estas, guardam os traços do período radical do serialismo integral, em eco à poética pontilhista weberniana, mas é como se cada ponto tivesse sido escrito com uma caneta nanquim em um guardanapo poroso: borrões sutis que expandem pontos germinais, numa profusão delicada de cores intermediadas por silêncios expressivos. Música que sabia, sabiamente, respirar!

E não bastasse a beleza e consistência de sua obra musical, Pousseur é, mais uma vez ao lado de Boulez, o maior compositor-teórico da era moderna, comparável apenas a Schoenberg.

O tempo não permitiu que eu lhe presenteasse com a tradução crítica de seus principais escritos, no prelo em primorosa edição pela Editora Unesp (sob o título *Apoteose de Rameau e outros ensaios*), projeto, aliás, que contou com seu total apoio. Mas quando o tempo teria sido justo com o desaparecimento de um gênio? Quando Berio se foi, em 2003, escrevi que a morte de um gênio é sempre injusta. A frase é igualmente pertinente para o adeus a Pousseur, Ícaro que sempre soube voar alto sem jamais deixar que suas asas se desprendessem de seu corpo por causa do calor. Pois Pousseur, agora em seu último voo, não precisava de protetor solar; era um utópico, e como grande defensor das utopias, não temia o calor da luz e nem os sons e os silêncios das alturas. ♦

Flo Menezes é compositor. Teve Pousseur como orientador em seu doutorado (1988-1992) sobre a obra de Luciano Berio junto à Universidade de Liège.